

# APRESENTAÇÃO

As estratégias digitais para mediação de conteúdo e informação são dissecadas, nesta edição de *e-Com*, com ênfase nas relações suscitadas pelo ofício de influenciadores e influenciadoras. Além disso, problematizam-se, aqui, nuances ligadas aos jogos eletrônicos, às performances de divas pop, ao necrojornalismo e ao ofício da biografia.

Em “Análise do discurso de influenciadoras digitais: uma abordagem aos *posts* de Bianca Andrade e Virginia Fonseca”, Mylla Ferreira e Antônio Augusto Braighi interpretam a dinâmica discursiva de tais duas profissionais, ao investigar as intenções subjacentes às estratégias de ambas e os potenciais efeitos sobre os seguidores. Dividido em cinco seções, o estudo contextualiza as redes sociais digitais e recorre ao arcabouço teórico-metodológico da “análise do discurso”. Os resultados revelam diferenças entre as *influencers*: enquanto uma delas compartilha conhecimentos e promove produtos, a outra combina conteúdos de rotina e entretenimento para impulsionar as vendas.

Já Greice Marczewski Corim e Luciane Pereira Viana buscam identificar, em “Estratégias de um influenciador digital para conquistar a credibilidade dos seguidores no Instagram”, as principais características e estratégias de um *influencer*, também com o intuito de conquistar a credibilidade de seguidores no Instagram. A pesquisa é, ao mesmo tempo, descritiva; quantitativa (com questionário aplicado aos seguidores do perfil do Instagram da digital *influencer* Greice); qualitativa (com análise da *influencer* inspiracional @juliette). No estudo, observou-se que, para aumentar visibilidade, autoridade, reputação e popularidade, é preciso criar conteúdo relevante e autêntico.

De outro modo, em “Jornalismo de jogos e cultura de fãs – Uma análise do discurso jornalístico sobre o jogo Cuphead e suas comunidades de fãs”, Giovanni Pasquali Piovesan investiga as hierarquias presentes na cultura de fãs de jogos digitais, assim como sua relação com o jornalismo especializado. Para tal, realizou-se análise de conteúdo

(Bardin, 1977) de diversas publicações acerca da polêmica sobre a cobertura jornalística do *game* Cuphead (2017). A análise revela que, para a maioria dos jornalistas, a habilidade técnica nos jogos não é essencial, além de enfatizar a importância das práticas jornalísticas e a necessidade de lidar com ampla gama de produtos.

Na sequência, Guilherme Alves da Silva, em “Mãe dos LGBT”: performances (digitais) de Adele e seus fãs brasileiros pela comunidade LGBTQIAPN+”, discute a inter-relação entre diva pop e fãs, a partir da adesão de causas sociais como parte importante da construção de identidades performáticas. “O fã, devido aos meios digitais, passa a ter maior controle sobre as ações das divas, por meio das materialidades digitais nas plataformas”, escreve. No estudo, analisaram-se seis conteúdos da cantora pop Adele, em prol da comunidade LGBTQIAPN+, disponibilizados pela conta @adeleonlinecom no X (antigo Twitter), com uso dos métodos mistos propostos por Recuero (2016).

O último artigo da edição é “Necrojornalismo e a cobertura da violência armada: a proposição de um novo termo a partir da cobertura do assassinato de Kathleen Romeu pela Rede Record”, de Carla Baiense Felix e Ana Flávia Rodrigues de Godoy. O trabalho apresenta o conceito de “necrojornalismo” como operador da comunicação, a serviço de políticas de extermínio promovidas pelo Estado. As autoras partem do conceito de necropolítica (Mbembe, 2011) e acionam, ainda, teorias de jornalismo e o campo de estudos sobre mídia e violência, para analisar a cobertura do programa *Cidade Alerta*, da Rede Record, sobre o assassinato da modelo Kathleen Romeu.

Por fim, Gustavo Sobral e Juliana Bulhões resenham o livro *A vida por escrito: ciência e arte da biografia*, do jornalista, escritor e biógrafo Ruy Castro (Cia. Das Letras, 2022, 184 páginas, ISBN: 978-65-5921-360-3). No livro, o autor aborda nuances e desafios práticos e teóricos inerentes à construção de biografias. “O biógrafo deve ter em mente que há limites. Castro condena biografias extensas, sobretudo, por serem projetos editoriais custosos, que as editoras podem não se interessar em financiar, levando em conta os aspectos editoriais e comerciais da biografia e o leitor, que pode pensar duas vezes em enfrentar livros volumosos”, comentam os resenhistas.

Boa leitura!

**Maurício Guilherme Silva Jr.**

Editor-chefe | *e-Com*

*mauricio.junior@prof.unibh.br*